

**LIMA BARRETO – UM CASO À PARTE DA CRÍTICA
LITERÁRIA DE ALCEU AMOROSO LIMA**

**LIMA BARRETO – A SINGULAR CASE IN THE LITERARY
CRITICISM OF ALCEU AMOROS LIMA**

Leandro Garcia Rodrigues¹

RESUMO: O presente ensaio tem o objetivo de questionar um postulado largamente difundido nos Estudos Literários brasileiros: o de que Lima Barreto foi discriminado e incompreendido por todos os setores da Crítica Literária do seu tempo. Não apenas se trata de um lugar comum, como demonstramos que o autor de *Os Bruzundangas* também teve algum reconhecimento, e este veio através daquele que é considerado por muitos historiadores da nossa literatura como o principal crítico literário do Modernismo – Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athaíde. Em 1919, Alceu publicou na sua coluna diária de *O Jornal* o texto “Um Discípulo de Machado”, tecendo consideráveis elogios ao estilo e à obra de Lima Barreto, filiando-o como um dos principais discípulos de Machado de Assis. Demonstrar as particularidades e o ineditismo do referido texto crítico é o objetivo deste trabalho, contribuindo para o questionamento do cânone da Crítica Literária e do próprio processo modernista brasileiro.

Palavras-chave: Crítica Literária, Imprensa; Lima Barreto.

ABSTRACT: The following essay aims to question a widely truth spread throughout the Brazilian Literary Studies: that Lima Barreto was discriminated and misunderstood by all the Literary Criticism sectors from his time. It is a common sense, because the author of *Os Bruzundangas* was a bit recognized by Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athaíde), certainly our best modernist literary critic. In 1919, Alceu published “Um Discípulo de Machado”, a critic press essay dealing with some aspects of Barreto’s work and style. Our paper intends to explore and demonstrate some particularities of this piece of critical work by Alceu, giving some contributions to reconsider the Literary Criticism and the Brazilian modernist process itself.

Keywords: Literary Criticism; Press; Lima Barreto.

¹ Pós-Doutor, Doutor e Mestre em Letras pela PUC-RJ lg.rodrigues@ig.com.br

Graças à classificação crítica feita por Alceu Amoroso Lima, o período entre 1900-1922 na Literatura Brasileira é denominado Pré-Modernismo. Como toda classificação crítica, até hoje tal “carimbo metodológico” gera controvérsias. Segundo Alfredo Bosi (1975), esta fase deve ser entendida em dois sentidos um tanto paradoxais.

No primeiro, o prefixo *pré* assume conotação de uma certa anterioridade temporal, algo que “está em preparação”, no qual o período literário por ele designado se caracteriza por um considerável conservadorismo estilístico, uma espécie de continuísmo, aglutinando poetas (neo)parnasianos que, sob o aspecto estético-ideológico, podem ser considerados antimodernistas, no qual a idéia de vanguarda é sempre vista com desconfiança e até mesmo anti-arte.

No segundo, o prefixo conota forte sentido de precedência temática e formal em relação aos valores da literatura modernista, especialmente da Geração regionalista de 30, devendo ser visto como movimento renovador, principalmente em relação à prosa produzida neste momento. Romances como *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* são, na opinião de alguns críticos, bons exemplos de enredos modernistas, e não pré. Os escritores representativos desse modo de representar a literatura passaram a interessar-se pela realidade brasileira, propondo uma revisão crítica de certos valores nacionais e provocando algumas rupturas que se tornaram sintomáticas durante o Modernismo.

Neste sentido, a posição de Lima Barreto no grupo intelectual de seu tempo marcou-se sempre pela dissonância e pelo desencontro em relação ao pensamento acadêmico oficial. Tal postura de profunda inadaptação foi percebida nos diferentes âmbitos da produção literária, na problemática do julgamento crítico, na maneira de interagir nos ambientes de convívio e também no que se referia às suas preocupações políticas e sociais. Esse sentimento de constante deslocamento em relação à vida e a si mesmo foi uma constante, como ele em diversos momentos relatou no seu *Diário Íntimo*, como podemos notar neste fragmento:

Se essas notas forem algum dia lidas, o que eu não espero, há de ser difícil explicar esse sentimento doloroso que eu tenho de minha casa, do desacordo profundo entre mim e ela; é de tal forma nuançoso a razão de ser disso, que para bem ser compreendido exigiria uma autobiografia, que nunca farei. Há coisas que, sentidas em nós, não podemos dizer. A minha melancolia, a mobilidade do meu espírito, o cepticismo que me corrói — cepticismo que, atingindo as coisas e pessoas estranhas a mim, alcançam também a minha própria entidade —, nasceu da minha adolescência feita nesse sentimento da minha vergonha doméstica, que também deu nascimento a minha única grande falta. Aqui bem alto declaro que, se a morte me surpreender, não permitindo que

as inutilize, peço a quem se servir delas que se sirva com o máximo cuidado e discrição, porque mesmo no túmulo eu poderia ter vergonha. (BARRETO, 1953, p.13)

Este trecho é do dia 3 de janeiro de 1905, Barreto ainda estava bem jovem e sequer tinha estreado no mundo literário, mas ainda assim podemos perceber o teor corrosivo que marcou a sua trajetória. Segundo Alceu Amoroso Lima, tal realidade não era apenas de Lima Barreto, mas de todo um grupo que mantinha afinidades ideológico-comportamentais, como ele lembra neste fragmento das suas *Memórias Improvisadas*:

Só a partir de 1922 surge realmente a idéia de geração, que toma o nome de modernista. Mas antes não havia causa comum, ideal comum, apenas prolongamento de correntes anteriores. Existiam algumas personalidades isoladas, como Euclides da Cunha, Lima Barreto, Augusto dos Anjos, Afrânio Peixoto. Era a época do individualismo. [...] Era a fase da literatura do *Fon-Fon*, do penumbrismo, a que se prende as *Cinzas das Horas*, de Manuel Bandeira. (LIMA, 1974, p.61)

Podemos afirmar que este período chamado Pré-Modernismo foi um tipo de “entre-lugar”, uma espécie de hiato do nosso processo literário, com uma forte dose de mal-do-século ainda rondando certas mentalidades, a vida matando a cada experiência mal sucedida. Até mesmo a idéia de geração estava comprometida, principalmente se concebermos a relação geração/linhagens. É difícil classificarmos, com total exatidão, em qual linhagem um Lima Barreto ou um Augusto dos Anjos podem estar inseridos, tamanha a diversidade temática que eles abordaram.

Os grandes jornais daquele momento davam um prestigiado destaque às letras, concedendo-lhes seções permanentes diariamente. Era impossível conviver no mundo da literatura sem passar pela imprensa, conclusão esta tirada por todos os entrevistados do *Momento Literário* de João do Rio. Os jornais e algumas revistas especializadas eram a porta de entrada para o (sub)mundo das rosas e dos espinhos literários. Era a partir dos jornais que eles conquistavam o público leitor, ainda um tanto incipiente naquele momento.

Por falar em jornalismo, neste ambiente se processava um dos maiores calos de Lima Barreto – a Crítica Literária. Sua exclusão como pessoa humana se estendeu até a exclusão dos principais circuitos da crítica produzida naquele momento. O autor de *Isaías Caminha* pouco tinha a oferecer a esse tipo de máfia das letras e, consciente de sua marginalidade literária e social, nunca esmoreceu no “combate” ou tornou-se agregado de qualquer panelinha, prestando favores aqui ou ali com vistas a uma aceitação por parte do referido grupo de mútuos interesses. Crítico, ele também, mostrou-se frequentemente preocupado com

a natureza e a função da Crítica Literária, como registrou nos seus apontamentos, no fim de 1904:

Um escritor, um literato, apresenta ao público, ou dá publicidade a uma obra; até que ponto um crítico tem o direito de, a pretexto de crítica, injuriá-lo? Um crítico não tem absolutamente direito de injuriar o escritor a quem julgar. Não se pode compreender no nosso tempo, em que as coisas do pensamento são mostradas como as mais meritórias, que um cidadão mereça injúrias, só porque publicou um livro. Seja o livro bom ou mau. Os maus livros fazem os bons, e um crítico sagaz não deve ignorar tão fecundo princípio. Ao olhar do sábio, o vício e a virtude são uma mesma coisa, e ambos necessários à harmonia final da vida; ao olhar do crítico filósofo, os bons e maus livros se completam e são indispensáveis à formação de uma literatura. Se o crítico tem razões particulares para não gostar do autor, cabe-lhe unicamente o direito de fazer, com a máxima serenidade, sob o ponto de vista literário, a crítica do livro. Em resumo, se o crítico ama as coisas do pensamento, e sobretudo estas, deve ter sempre em mira a sua prosperidade; e, creio, a injúria não é o melhor meio para obtê-la. (BARRETO, 1953, p.27)

O trecho evidencia as primeiras inquietações de seu espírito acerca do trabalho crítico, não só aquele que recebia em função de sua obra, mas também o que ele mesmo iria realizar, comentando e criticando a produção intelectual de sua época, da forma mais digna: “Um crítico não tem absolutamente direito de injuriar o escritor a quem julgar”. Para o escritor, criticar não era difamar, não era simplesmente fazer uma distribuição de avaliações morais que não contribuíssem para um saudável debate de valores.

Todavia, a face mais cruel da Crítica produzida naquele momento era, para Lima Barreto, a prática de um total silêncio em relação à produção daqueles que não se formatavam ao “gosto oficial” vigente. É o próprio quem afirma isso: “A única crítica que me aborrece é a do silêncio, mas esta é determinada pelos invejosos impotentes que foram chamados a coisas de letras, para enriquecerem e imperarem” (Barreto, 1953, p.27).

O campo intelectual do início do século XX foi marcado pela formação de duas frentes, tanto na produção literária quanto no julgamento da mesma. Desta forma, temos escritores como Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Olavo Bilac, entre outros, satisfeitos, adaptados e perfeitamente integrados à realidade sócio-cultural de sua época, produzindo obras marcantes que eram consideradas porta-vozes do ideário das classes dominantes, distribuindo de graça sorrisos e amenidades, leveza e alegria, mascarando uma realidade social dura e triste, brutalizada pelas tensões e conflitos de toda natureza.

Paralela a essa produção, observava-se uma face já conhecida da crítica, preocupada em agradar e expandir a literatura amena e idealizada, marcada pela linguagem de clichês, pela postura do apadrinhamento de certos escritores e seus respectivos grupos. Este

direcionamento provocava, inevitavelmente, algumas manifestações de preconceitos, como lembrou Alceu Amoroso Lima:

O que devemos condenar é o crítico preconcebido, que já leva a opinião formada, antes de ler a obra. [...] O preconceito é uma forma de fanatismo e este uma das muitas modalidades do irracionalismo. Devemos temer o crítico irracional, que julga os autores, as obras e os movimentos artísticos segundo as suas próprias paixões. (apud COUTINHO, 1980, p.38)

Tal prática de preconceitos não se dava apenas na dimensão da análise literária, mas também nas políticas ou politicagens de publicação, fazendo com que certos artistas ficassem, literalmente, à deriva das benesses editoriais. Em outro momento do seu *Diário*, em 20 de abril de 1914, Lima Barreto alude a este tipo de estado:

Hoje, pus-me a ler velhos números do *Mercure de France*. Lembro-me bem que os lia antes de escrever o meu primeiro livro. Publiquei-o em 1909. Até hoje nada adiantei. Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada. [...] Para os jornais daqui estou incompatível. Podia tentar a aventura fora, mas não tenho liberdade; era preciso que estivesse só, só. Enfim, a minha situação é absolutamente desesperada. (BARRETO, 1953, p.45)

Uma frase de Barreto resume toda esta problemática: “Para os jornais daqui estou incompatível”. A produção de Lima quer literária, jornalística ou crítica, subverteu os padrões dominantes, inserindo-se nas contradições e fissuras ideológicas do seu tempo. Assim, com um projeto criador dissonante em relação ao campo no qual atuava, Lima Barreto se viu banido do sistema, excluído dos principais meios de debate intelectual. Num artigo da revista *Careta*, em 18 de agosto de 1921, Lima manifestou o seu estado:

Não disponho do *Correio da Manhã* ou do *O Jornal* para me estamparem o nome e o retrato, sou alguma coisa nas letras brasileiras e ocultarem meu nome, ou o desmerecerem, é uma injustiça contra a qual eu me levanto com todas as armas ao meu alcance. Eu sou escritor e, seja grande ou pequeno, tenho direito a pleitear as recompensas que o Brasil dá aos que se distinguem na sua literatura. (BARRETO, 1953, p.65)

Vemos claramente as conseqüências do limbo intelectual no qual Lima estava inserido. Tal fato provocou a sua marginalização pela crítica literária oficial de sua época que, ou ignorou sua obra, ou a criticou de modo a configurar sua menoridade, seu caráter de ainda não-literatura, uma espécie de experimentalismo, ou ainda de modo a enfatizar seus aspectos

negativos, quer biográficos, quer de estilo. Contrariamente a estas opiniões, temos a consideração de Alceu Amoroso Lima em relação a Lima Barreto:

Ocorreram alguns ensaios de escritores voltados para o social e a publicação de revistas de vida efêmera com igual preocupação. Mas não chegou a surgir nenhum grande nome. A grande figura indiscutível dessa fase é Lima Barreto. Este sim. Leitor de romances russos, mostrou-se desde cedo profundamente impregnado do social, voltado para o povo, para suas penas e suas agruras. (LIMA, 1974, p.81)

Existiu, todavia, uma importante exceção no tocante à maneira como alguns críticos enxergavam a obra de Lima Barreto, e tal fato se deu através de um artigo escrito por Alceu Amoroso Lima em *O Jornal*, no dia 18 de junho de 1919. Nele, Alceu teceu numerosos elogios ao autor de *Os Bruzundangas*, diferindo radicalmente dos demais críticos daquele momento. O artigo se chamou *Um Discípulo de Machado*, e começava assim:

Dos livros de Lima Barreto se evola um grande desencanto de viver. Vencido na vida, inadaptável, comunica à sua literatura um acre perfume de tédio e amargor. Sua obra é uma galeria de caricaturas sociais, magistralmente traçadas. O criador de Policarpo Quaresma, tipo nacional por essência, estiliza o ridículo. Mais do que um ironista, um cético, ou um revoltado, Lima Barreto é um caricaturista. Ainda nos seus tipos preferidos, aqueles que falam por suas palavras, não desfalece a feição do autor, a quem não escapam os defeitos, os tiques, as fraquezas dos melhores. Lima Barreto é um humorista da estirpe intelectual de Machado de Assis. Pode-se dizer que, depois deste, é o nosso humorista. (LIMA, 1948, p.24)

Se não tivesse escrito este texto, pelo menos o título escolhido por Alceu já soava de forma extraordinária: *Um Discípulo de Machado*. Lima Barreto nunca ganhou tão forte elogio por parte de um crítico literário profissional, e tal fato merece destaque nesta pesquisa, uma vez que este artigo de Alceu não é mencionado nas suas cartas e muito menos no seu *Diário Íntimo*. A opinião de Alceu foi arguta no sentido de reconhecer a filiação intelectual de Lima em relação a Machado. Era o carimbo crítico único e memorável, afinal, Machado já em vida era um habitante eterno do panteão dos deuses da literatura, e nada melhor para qualquer escritor do que ser comparado positivamente a ele, era um forma de ser reconhecido e incensado pela Crítica.

Este texto de Alceu foi escrito em 1919, ou seja, três anos antes de Lima morrer. Por isso o crítico já tinha material suficiente para reconhecer os traços fundamentais que caracterizavam a pessoa e a obra de Lima, particularmente o “desencanto de viver” e o “acre perfume de tédio e amargor” estilizados na sua obra. Mais adiante, Alceu escreveu:

Se a verdadeira literatura é a que cria tipos duradouros, personagens de ficção mais vivos que se foram históricos – Harpagon, Don Juan, Werther, D. Quixote, conselheiro Acácio ou Brás Cubas – Lima Barreto veio enriquecer a nossa escassa galeria. Todos os tipo da redação do *Globo*, nas suas *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*, o Policarpo Quaresma, o Ricardo Coração dos Outros, e agora o Gonzaga ou o Xisto Beldroegas, são personagens definitivas, símbolos humanos de nossas virtudes e defeitos. (LIMA, 1948, p.25)

Todo o texto é uma apologia elogiosa à obra de Lima Barreto, e uma das técnicas críticas que Alceu utilizou foi justamente explorar a relação das filiações estilístico-literárias que ligavam Barreto a outros grandes escritores, neste caso, os mestres da literatura ocidental como Goethe, Cervantes e o próprio Machado de Assis. De uma certa forma, ainda que mais branda e até um tanto tímida, Alceu fez uso dos aspectos teóricos da Escola Francesa de Literatura Comparada, através do velho método das Fontes/Influências, como já falamos. Desta maneira, Alceu alcançava criticamente o seu objetivo que era fazer uma análise positiva a respeito da obra de Lima, talvez tentando imprimir-lhe um pouco de justiça no sentido de incluí-lo entre os grandes escritores brasileiros. Seguindo no mesmo artigo de *O Jornal* temos, mais adiante, um interessante fragmento:

O espetáculo do teatro lírico, as francesas da rua Gonçalves Dias, a gente de Petrópolis ou o pessoal dos subúrbios, tudo passa pelo seu crivo, como semente de livres cogitações engenhosas. Um grande amor pelo Rio e uma verdadeira compreensão de sua paisagem emolduram a ação que é nula, por assim dizer. O suave licor de Machado de Assis ressuma dessas páginas de viagem sutil pelo mundo das idéias. (LIMA, 1948, p.25)

Neste momento da sua análise, Alceu tocou num dos principais aspectos da obra de Lima Barreto: a larga constelação de tipos humanos e respectivos ambientes de convívio. Para tal, o autor analisado cruzava de Petrópolis à rua Gonçalves Dias passando pelos subúrbios cariocas, explorando os principais aspectos que caracterizavam tais ambientes. Tudo isso, adocicado e temperado pelo “suave licor de Machado de Assis”. Quanto ao seu estilo de escrita, assim analisa Alceu:

Seu estilo é amplo, corrente, sem formas fixas nem rebuscado de expressão. O absoluto desinteresse pela forma cuidada leva-o a decaídas acacias como – “A gabada Avenida Beira-Mar” ou – “grandiosa Guanabara” –, ou a comparações de gosto duvidoso no gênero de – “cumprimentou petropolimente” – ou “estilo botafogano”. (LIMA, 1948, p.26)

Aqui, o crítico analisa um outro traço fundamental do estilo de Lima Barreto: a diversidade da expressividade literária. Lima criou uma literatura riquíssima no que concerne à linguagem utilizada, não são poucos os neologismos (“petropolimente”, “botafogano”) e, principalmente, os substratos lingüísticos advindos da cultura afro-brasileira, especialmente os resíduos lexicais dos antigos escravos perpassados aos seus descendentes. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, é a personagem Nhá Chica quem não deixava morrer a tradição negra através de inúmeros africanismos, sendo até um pouco difícil compreender a sua fala, especialmente no momento que o Major Quaresma foi inquiri-la a respeito das antigas modinhas e lundus do seu povo. O último parágrafo do seu artigo é a conclusão das suas impressões sobre Lima:

Humorista, caricaturista, com uma visão dolorosa dos males e ridículos sociais, temperada pelo pudor de sofrer, Lima Barreto procura esquecer o cotidiano. O desconcerto de sua obra ressent-se da boêmia de seu viver. Contudo é o mais humano de nossos romancistas, o de mais vasta mirada. Criou tipos imperecíveis e perpetuou os nossos meios urbanos de mais caráter: a imprensa, a política, a repartição, fixando a paisagem familiar do Rio. Que o mal de viver não emudeça esse raro e doloroso artista, que conhece o segredo da arte literária – escrever nas entrelinhas. (LIMA, 1948, p.26)

Interessante ressaltar a “profecia” feita por Alceu nas últimas linhas do seu artigo: “Que o mal de viver não emudeça esse raro e doloroso artista”. Foram vários os motivos que levaram Lima Barreto ao emudecimento do qual fala Amoroso Lima, o mais ressaltado foi, certamente, a sua própria vida. Lima foi uma espécie de herói dramático, no sentido de ser vítima da sua própria história e das suas escolhas. Isto criou um tipo de personalidade que não era bem vista pela tropa de elite da Literatura Brasileira do seu tempo.

Outro fator que também o emudeceu foi a própria Crítica Literária. O artigo assinado por Tristão de Athayde, em 18 de junho de 1919, foi realmente uma exceção, algo incomum no tocante ao escritor, principalmente pelo alto teor laudatório com o qual Tristão brindou o estilo e a obra de Lima. O normal, o escritor bem o sabia, era a fabricação de uma ignorância em forma de silêncio em relação à sua obra, fato este que atingiu Lima Barreto frontalmente ao longo da sua trajetória intelectual.

Todos os momentos nos quais Alceu falou sobre Lima Barreto foi sempre de forma elogiosa, reconhecendo suas qualidades literárias, como ficou bem claro no artigo *Um discípulo de Machado*. Todavia, no início do século, a situação de Lima perante a fina nata

da intelectualidade carioca não era muito confortável, por conta dos motivos anteriormente aludidos.

Em síntese, Lima Barreto viveu numa espécie de “exílio crítico” que foi motivado por uma série de fatores de ordem pessoal e intelectual. Estes contribuíram para que o escritor tentasse sobreviver culturalmente nas rachaduras ideológicas do seu tempo, oscilando entre uma produção literária de qualidade e uma total incompreensão por parte da crítica especializada. Por isso, a melhor saída foi ignorá-lo, calando suas expectativas e possibilidade de crescimento artístico.

Neste sentido, o silêncio não foi apenas uma arma ideológica do opressor, podendo ser visto também como uma forma de resistência do próprio oprimido. Ao longo de sua vasta produção, Lima Barreto não se referiu com muita intensidade à ausência de considerações por parte da crítica, aqui entendendo intensidade por quantidade de vezes que o escritor aludiu a tal fato nos seus escritos. Embora tivesse mencionado algumas vezes, com forte mágoa, a falta de notícias sobre suas obras na imprensa, tais menções foram poucas e rápidas, em vista da dimensão de sua produção literária, jornalística e crítica. Assim, pode-se dizer que, também silenciosamente, Lima Barreto resistiu ao exílio literário que lhe foi imposto pela crítica eminentemente tendenciosa, acadêmica e oficial do período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A., 1972.

BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. Rio de Janeiro: Mérito Editora, 1953.

_____. *Marginália*. Rio de Janeiro: Mérito Editora, 1953.

_____. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 2001.

BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno*. São Paulo: Ática, 1988.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil – Era Modernista*. São Paulo: Global Editora, 1997.

LIMA, Alceu Amoroso. *A Estética Literária e o Crítico*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1954.

_____. *Estudos – Segunda Série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

_____. *Estudos – Quinta Série (1930-1931)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

_____. *Memorando dos 90*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

_____. *Memórias Improvisadas – diálogos com Medeiros Lima*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MARTINS, Wilson. *A Crítica Literária no Brasil*, volume 1. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002.

_____. *A Literatura Brasileira – O Modernismo*. São Paulo: Editora Cultrix, 1965.

ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1950.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira – de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954.

Recebido em: 02/03/2012

Aceito em: 30/03/2012